

RACISMO E PSICANÁLISE: A SAÍDA DA GRANDE NOITE

RACISMO Y PSICOANÁLISIS:
LA SALIDA DE LA GRAN NOCHE

RACISM AND PSYCHOANALYSIS:
THE WAY OUT OF THE BIG NIGHT

Sueli Souza dos Santos
Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
Correio eletrônico: suelisantos-s@hotmail.com
ORCID: 0000-0001-7125-6984

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article
Souza dos Santos S. (2023) RACISMO E PSICANÁLISE: A SAÍDA DA GRANDE NOITE
Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.12/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

RACISMO E PSICANÁLISE: A SAÍDA DA GRANDE NOITE

Sueli Souza dos Santos¹

1 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA/Serra. Mestre em Psicologia Social e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Autor: Augusto Maschke Paim e Ignácio A. Paim Filho

Ano: 2023 - 186 páginas

Artes & Ecos

Porto Alegre, Brasil

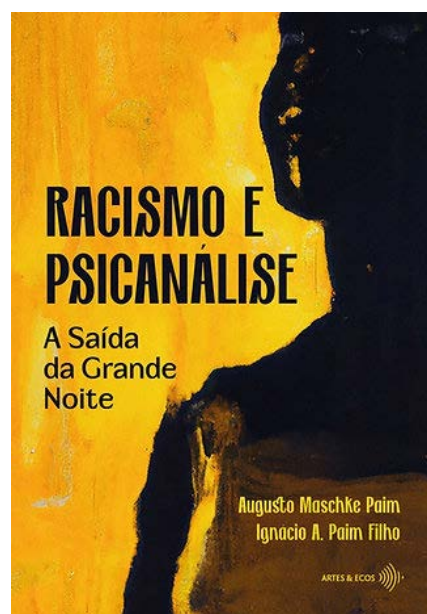
*Pra que nossa esperança /
Seja mais que vingança /
Seja sempre um caminho /
Que se deixa de herança*
(Ivan Lins e Vitor Martins, "Novo tempo")

O livro de Augusto M. Paim e Ignácio A. Paim Filho intitulado *Racismo e psicanálise: a saída da grande noite*, o mais recente trabalho dos autores, foi lançado no primeiro semestre deste ano de 2023. Ele consiste numa coletânea de textos, escritos em coautoria ou individualmente, que resultam de reflexões sobre os temas do racismo e da psicanálise. Oferecendo-nos uma crítica de conceitos psicanalíticos fundamentais, a obra instiga novas discussões sobre a construção do aparelho psíquico e a criação do inconsciente psicanalítico freudiano, que, em nosso tempo e na clínica que fazemos, ultrapassa seu escopo inicial.

Embora na capa do livro o nome de Augusto apareça antes do nome de Ignácio, a relação geracional na verdade é oposta: Augusto é filho de Ignácio. Vê-se que os dois autores empreendem uma discussão que desde o seu princípio desvela o tema das origens e da ancestralidade. Ignácio Alves Paim Filho se diz filho de seu pai no próprio nome, e seu sobrenome deixa evidente uma origem portuguesa e africana. Augusto Maschke Paim, filho de Ignácio, também carrega o nome de sua mãe, revelando já aí a sua miscigenação. Os dois autores dedicam sua obra a Cora, filha de Augusto que acaba de nascer, e, com ela, garantem o triunfo da vida sobre os tempos de todas as travessias, dando continuidade aos ancestrais, carregando a miscigenação com os "nomes dos pais".

Uso aqui a expressão "nomes dos pais" no plural não só para aludir ao conceito lacaniano, marca simbólica da fundação do inconsciente, mas também para remeter às marcas maternas, sem as quais as histórias de amor e origem não poderiam ser contadas. Aponto para a insistência da vida nas lutas transgressoras que as mulheres perpetraram: ao longo da história, elas lutaram para que a vida humana permanecesse viva.

Racismo e psicanálise, em meio a muitas articulações conceituais, elucida que cada movimento de avanço para além do que a psicanálise freudiana nos ensinou deixa em seu rastro muito trabalho a ser feito pelos herdeiros da psicanálise de Freud. Os psicanalistas dessa escola seguem enfrentando as suas ambiguidades conceituais e as dificuldades implicadas em sua aplicabilidade na escuta do sofrimento psíquico, com suas especificidades estruturais e clínicas.



Como pensar a universalidade dos conceitos dos processos de formação do inconsciente psicanalítico, ou seja, do narcisismo, da resolução edípica, das identificações, da construção da sexualidade, da resolução dos ideais? Ou: como pensar os destinos pulsionais e os mitos originários em um mundo multirracial? Quais princípios intersubjetivos e intrassubjetivos definirão a acomodação ou a desacomodação das angústias nas escolhas dos destinos pulsionais?

Como pensar numa fundamentação teórica sem remeter a um pensamento limitado ao dual, ao comparativo? Acreditamos, seguindo Freud, que a sexualidade humana é perversa, polimorfa, posto que é infantil. Portanto, é múltipla, diversa, sempre em transe e trânsito nos processos inconscientes. A universalidade estaria na possibilidade da multiplicidade e nos conflitos que alberga? Nossos autores, Augusto e Ignácio, põem em questão a universalidade na leitura de realidades. A realidade, ao longo da história da humanidade, tem sido díspar, diversa e miscigenada. Não se trata de negar o que está posto pela psicanálise de Freud, mas de seguir o mestre trazendo à luz do pensamento o que nos constitui. Em outras palavras, tudo o que está posto deixa restos a serem reconsiderados.

Sempre em questão: não são as verdades, mas as dúvidas que movem. As dúvidas são dispositivos que oxigenam a pesquisa sobre os inconscientes em suas formações e possibilidades simbólicas, já que o real, na tentativa de explicitação linguageira, nos dá a certeza de que a vida psíquica não cessa de se inscrever, por ter uma fenda abissal. Talvez aí, no abismo de cada um, possamos nos tranquilizar com algo que não nos escapa. No inconsciente, em que há falha, encontramos uma verdade, nos ensina Lacan. Sempre *não* saberemos o que escapa, o que buscamos. Qual é o nosso desejo?

Buscando elucidar suas questões, os autores oferecem, como elementos de análise, recortes clínicos, filmes que retratam fatos vívidos e assombrosos da violência contra os negros. São histórias que se repetem sempre, como um ritornelo de tempos passados no presente, como um retorno do recalcado da tirania e da violência contra os povos oprimidos. Está em questão um racismo estrutural que, ao não ter punição ou elaboração, retorna sempre como preconceito natural, fruto de falhas narcísicas, ou seja, leitura cínica, rasa. Trata-se de um desmentido sobre o mal que nos habita e nos constitui, contra o qual é necessário realizar um trabalho contínuo de vigilância subjetiva e social.

Na sociedade como um todo, as relações humanas são transferências, e a transferência se orienta em três vertentes, como três paixões: amor, ódio e ignorância. Ninguém fica de fora quando o assunto são as diferenças, sejam elas de classe social ou formação intelectual — nas sociedades de formação de analistas em particular. Portanto, não basta termos uma leitura sobre *A psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) ou *O mal-estar na cultura* (1930) para domarmos ou civilizarmos nossos afetos mortíferos relativos a nossos desafetos.

Como Iannini e Tavares (2020, p. 7) afirmam:

Não é possível compreender nosso tempo sem ler *O mal-estar na cultura*. Sem ele, os séculos XX e XXI seriam, simplesmente, ilegíveis. [...] Apesar de todas as técnicas, de todas as ilusões, de todos os métodos e subterfúgios que os indivíduos e as sociedades inventam para tornar a renúncia suportável, há ainda um resto que perturba a equação, tornando o mal-estar incontornável.

O livro aqui apresentado está organizado em três seções que orientam o leitor. Ao introduzir o tema do racismo e da psicanálise propriamente dito, os autores oferecem dados históricos que esclarecem as fontes e as origens do racismo. Chama atenção a sensibilidade da apresentação dos temas, com a poesia emergindo como espaço de respiro e ajudando o leitor a se pensar implicado, como afirma Ignácio, “na narcose que habita o mundo psicanalítico, brancocêntrico por origem, embora não por vocação” (p. 18). No entanto, é preciso, como ensina Mbembe, construir caminhos para a psicanálise poder sair da grande noite em que esteve submersa.

Os autores não se furtam a criar conflito nas suas observações, não evitam nem se distanciam de temas com os quais os psicanalistas em geral procuram não se envolver, preferindo se manter protegidos da realidade social em suas torres de cristal. Na primeira seção, os autores metaforizam a necessidade de buscar a força “disruptiva dos lanceiros negros”, figuras históricas dos pelotões de negros das guerras expansionistas do Sul do Brasil, e “misturar a dor e a alegria”, verso de uma música de Milton Nascimento que fala da força da mulher negra, da Maria que “tem fé na vida”.

Na segunda seção, novamente fazendo alusão aos versos do poeta, porque “é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre”, o livro adentra os temas da metapsicologia e da clínica do racismo. As questões propostas agora convocam os analistas a pensar sobre seu não saber de si, sua própria lógica branca. Os autores questionam: como escutar, como acessar um saber que não se sabe, um saber marcado pela dor, pelo trauma, pela visão de um mundo de sofrimento, um saber que traz a inscrição de outra forma de subjetivação, não branca? Como ultrapassar as identificações dos legados transgeracionais sem interrogar nossas próprias marcas de uma descendência de opressores, violadores, estupradores de terras e gentes? Como ultrapassar a barreira de uma dor protocolar, da compreensão teórica do trauma, para acessar as marcas da tortura e do desterro na alma do Outro? Não podemos esquecer a transgeracionalidade daqueles e daquelas considerados pardos, posto que trazem na pele as marcas da violência mortífera da violação dos brancos.

Como reinventar uma clínica que privilegie a criatividade e a plasticidade do inconsciente fora dos valores burgueses e brancos? Como entender a dor produzida pela impossibilidade de figurar nas telas renascentistas de um Cristo e uma Maria brancos? Eu não teria como mensurar, por exemplo, o que sentem os não-brancos ao observar uma obra renascentista sobre a Trindade e não se verem incluídos espiritualmente nessa arte financiada por mecenas e baseada na visão de artistas colonizados. mestiços e negros são retratados apenas nos quadros que mostram os costumes das sociedades, em que aparecem como escravos, pessoas inferiorizadas, servis. Marcas de silêncio, de falta de palavras, de ausência de beleza.

Que outros efeitos traumáticos se faz necessário investigar no contexto das formações do inconsciente produzidas com o silenciamento sobre os horrores resultantes da diáspora dos povos negros, sequestrados de suas vidas, de suas origens, de suas espiritualidades, de suas crenças, de suas línguas? Se falo no plural é porque centenas de formas e de culturas constituem os povos africanos. Nossa falta de conhecimento e nossa ignorância sempre nos catapultam para a ideia de unidade, de absoluto — uma universalidade que pasteuriza as singularidades e as subjetividades. Talvez essa seja uma visão permeada por nossa herança autoritária, fascista e colonial, que pensa que os negros são todos iguais. E nós psicanalistas, o que pensamos sobre o sofrimento psíquico dos não-brancos? Como os escutamos, assentados em que bases epistemológicas? Que conhecimentos sustentam nossa escuta clínica?

Encontramos nos trabalhos apresentados no livro de Augusto M. Paim e Ignácio A. Paim Filho referências a muitos autores negros, que servem como guias em reflexões sobre os temas do racismo e da psicanálise, lembrando a “saída da grande noite”, expressão de Achille Mbembe (2019). As considerações de pensadores como Frantz Fanon, Neusa Santos Souza e Maria Aparecida Bento, entre muitos outros, ajudam a sustentar a discussão, ampliando o pensamento sobre o racismo na contemporaneidade em articulação com os saberes da psicanálise.

Freud é revisitado em seus conceitos fundamentais e por vezes contestado por seus textos ditos sociais, que não explicitam um posicionamento de enfrentamento pessoal do autor aos regimes de opressão. Mas acusá-lo de silenciamento não seria justo, posto que são suas brechas que nos deixam a oportunidade de seguir avançando no pensamento psicanalítico, apesar do ainda latente conservadorismo de muitas sociedades de formação de analistas.

O século XXI nos demanda a revisão do modo como pensamos a universalidade dos conceitos freudianos. Muitos de nós desconhecemos ou desviamos da importância de olhar para a opressão psíquica gerada por nossa sociedade tecnológica, caracterizada pelo isolamento dos afetos e por relações virtuais. Esse novo tempo impõe um modelo de relações e afetos marcado pela liquidez das telas e identificações imaginárias. As postagens nos mostram relacionamentos perfeitos — pura ilusão. A inquietude que esse cenário gera nos coloca imediatamente diante de

uma surpresa, que diz respeito não só aos nossos saberes, mas definitivamente às nossas inscrições enquanto sujeitos capturados pelo discurso dos opressores, da supremacia branca, em detrimento dos discursos de outros — tantos e múltiplos — povos, muitos deles transformados em mercadorias e objetos de uso e descarte, com sua humanidade desumanizada pelo capitalismo.

Embora o livro que apresentamos não se dedique explicitamente ao tema do domínio geopolítico decorrente das lutas pela dominação capitalista, ele nos leva a pensar em como, ao longo da história, o conhecimento e as ciências têm prestado serviços aos senhores da guerra, manipuladores de corações e mentes. Há elementos constitutivos do domínio e do racismo estrutural que incorporamos como naturais na primeira mamada, assim como o ar que respiramos, mas o racismo e o domínio de corpos dos povos não podem ser naturalizados. Não são naturais. São marcas de determinado laço social, de alienação social — marcas perdidas nos espelhos das imagens de sucesso e das curtidas nas redes sociais, em que o “eu” se perde.

Não podemos continuar, enquanto psicanalistas, a recusar as evidências de que a história humana é uma história sustentada por uma visão necropolítica branca, uma história de crânios empilhados em estranhas catedrais. Monumentos mortíferos testemunham o império da fé cristã sobre a suposta barbárie dos povos sem Deus, que não professavam a “fé verdadeira” da cristandade. A recusa das crenças e religiosidades de terras e povos dominados esteve sempre presente na justificativa da falta de alma, marca inumana. Tal ideia é sustentada pela ignorância dos brancos e, claro, por sua crença no seu direito natural de uso e posse dos corpos para produzir riqueza e continuidade de domínio.

É preciso não esquecer que o saber da psicanálise também é fruto dessas histórias. Lacan nos ensina que a psicanálise é política. Cabe-nos romper com o ciclo de alienação do saber branco para os brancos. Tomamos tal saber como um capital — acumulamos conhecimentos e triunfos da racionalidade sobre a natureza —, mas precisamos discutir, nos contrapor, reescrever nossos saberes e falar sobre o que não sabemos a respeito do sofrimento humano, para além daquilo que conhecemos. Para isso, precisamos romper com nosso olhar de espelho. Como diz o poeta Caetano Veloso, “Narciso acha feio o que não é espelho”.

E mais: precisamos repensar os nossos não-saberes, os efeitos de nossa própria alienação constitutiva enquanto sujeitos. O que fazemos quando pensamos o inconsciente e suas derivações como unicamente produzidos por um inconsciente branco, o nosso? E quem está por trás desse “nosso”? Mas não se trata de atribuímos uma cor ao inconsciente. A questão é que a visão hegemônica e universal sobre os mitos constitutivos da história da humanidade desconsidera a multiplicidade dos povos que, ao longo do tempo, têm sofrido opressão. Os povos originários e os povos negros na verdade devem ser encarados como os povos fundamentais, os verdadeiros elementos da riqueza humana.

A miscigenação possibilitou aos brancos aprender tantas novas formas de viver, sobreviver e construir organizações sociais! Surgiram e ainda surgem diferentes formas de vida viva, coletiva, comunitária, com seus próprios modos de organização, suas alternativas de poder, trocas e relações familiares, bem como distintos lugares de importância atribuídos a cada elemento humano no cuidado com a sobrevivência de todos. As múltiplas crenças, a preservação dos conhecimentos, a diversidade de línguas: não são essas as verdadeiras formas de acumulação histórica como fonte de riqueza, para além da acumulação de bens?

Talvez o livro *Psicanálise e racismo: a saída da grande noite* nos ajude a desacomodar o incômodo saber estabilizado e mortífero, que nos faz surdos ao que não queremos ouvir (para que não sejamos afetados). Ignácio A. Paim Filho nos informa sobre o trabalho, em África, de “descolonização e luta por desfazer o epistemicídio e o obscurantismo tanático do racismo incrustados na estrutura social” (p. 27). Com isso, o autor busca acurar a escuta psicanalítica no que diz respeito à descolonização da herança racista que nos habita.

Em sociedades majoritariamente brancas, burguesas e liberais, com os estudos de Frantz Fanon, a psicanálise terá voz negra e pensará a negritude em seus processos de reconhecimento da sua identidade e do sofrimento psíquico produzido pela discriminação, pelo racismo e pelo silenciamento decorrentes da dominação colonial.

Fanon, nascido na ilha da Martinica, possessão francesa, em 20 de julho de 1925, foi um homem de grande coragem e brilho, tendo lutado junto às forças de resistência no norte da África e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Também se tornou membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia e, um homem de luta, dedicou sua vida a essa batalha. É visível, portanto, seu empenho para transformar as vidas dos condenados pelas instituições coloniais e racistas do mundo moderno. Seu livro *Pele negra, máscaras brancas* é um estudo surpreendente sobre o preconceito. A erudição de Fanon nos oferece uma obra em que desnuda e elucida as vicissitudes dos negros — não só daqueles da Martinica nos anos 1950, mas dos povos escravizados e colonizados da África e das Américas. Suas dificuldades em trabalhar com esse tema foram imensas: era como remexer nas profundezas da alma humana intangível.

O racismo, nem sempre disfarçado nas instituições de caráter científico e acadêmico e nas formações de psicanalistas, precisa estar na pauta das discussões. E notemos que esse tema está sendo incluído tardiamente na pauta de nossa sociedade brasileira, cuja constituição, todos sabemos, é marcada pela miscigenação. A tímida postura antirracista que vemos em muitos contextos, que de certa forma dissimula a convivência com o preconceito em uma sociedade colonial e escravocrata de privilégios de classe, vem sendo questionada ao longo dos estudos de Ignácio e Augusto Paim, mas essa é uma luta que deve ser enfrentada por toda a sociedade.

As resistências e os silenciamentos na abordagem do tema do racismo na sociedade como um todo e nas instituições de formação de analistas em particular fazem do trabalho de Augusto e Ignácio uma inspiração. O enfrentamento dessa indignidade histórica parece não ter ocupado as reflexões de muitas gerações de psicanalistas e teóricos das diversas correntes da psicanálise, nem mesmo ter tido espaço na vida acadêmica em geral. Talvez isso ocorra porque até bem pouco tempo atrás todos se aferravam aos seus privilégios de classe e à sua predominância branca, herdeira das origens coloniais e da falsa hegemonia.

No Brasil, ocorre uma inequívoca negação histórica da subalternização do país por invasores que escravizaram e dizimaram os povos indígenas, assim como os negros trazidos da África. Então, de que origem branca se fala se consideramos que o Brasil tem mais da metade de sua população mestiça ou negra, resultado da miscigenação e da violação dos corpos? *A primeira leitura* da obra de Augusto e Ignácio fiz com a emoção solta. Li primeiro a última parte, uma correspondência entre um psicanalista, Ignácio A. Paim Filho, e um filósofo, Renato Noguera. Eles tratavam da inquietação em torno do tema da universalidade do complexo de Édipo — trocas teóricas, questões infundáveis e abismos de possibilidades na renovação da psicanálise em seu compromisso com as questões sociais. E assim fui pulando para o texto seguinte ao acaso, chegando a “Por uma clínica da miscigenação”: mais emoção. Ler as reflexões de um jovem analista, Augusto M. Paim, que não tem medo de explorar e aprender a criar outros modos de escuta do sofrimento psíquico, sem bordas além da palavra na filigrana do significante, foi fabuloso. Daí em diante, perdi a compostura e fui degustando os textos sem preocupação com o método de leitura.

Na *segunda leitura*, segui uma ordem formal, observando a lógica do sumário até o último texto, que compreende as trocas teóricas entre a psicanálise e a filosofia. Com esse ordenamento, foi quase como se eu lesse um outro livro. A obra fez novos sentidos.

Por fim, a *terceira leitura* eu fiz para escrever esta resenha. Essa leitura me trouxe a clareza da importância da obra para um novo projeto de pesquisa em psicanálise. Trata-se de uma leitura obrigatória para todas e todos que, em prol de uma nova clínica, fazem do estudo sobre o racismo e a psicanálise um compromisso com a renovação de nossas investigações dos conceitos psicanalíticos e com a transformação de novas derivas relativas à realidade do sofrimento social.

A incômoda clareza de nossa ignorância e de nossa indiferença ao racismo praticado contra negros e pessoas de diversas outras etnias, contra o sofrimento individual e coletivo, evidencia que esse racismo precisa ser discutido sem trégua e combatido. Aqueles que fazem do convívio humano algo desumanizado — uma fonte de destruição dos sonhos e da vida digna para todos — em função do lucro e da exploração dos corpos, bem como da manipulação de corações e mentes, não podem ser observados a distância.

A leitura desses textos nos implica na denúncia, na vigilância e no combate constante ao sofrimento produzido pelo laço social. Não podemos perder de vista que nosso primeiro objeto de atenção e cuidado, nossa própria denegação da matéria humana de que somos feitos, está em questão para a escuta da psicanálise. A pergunta que nos compromete é: de que lado da história fomos forjados?

Obrigada ao Ignácio, que provoca com lucidez nossos desconfortos. Obrigada ao Augusto, por ser um destemido pensador do nosso ofício de psicanalista e por provocar essa profunda reflexão sobre temas que nos comprometem com a continuidade de uma psicanálise que esteja alinhada a nosso tempo, mas fazendo história. E, finalmente, obrigada à Cora, uma esperança na vida que nos traz a vontade de seguir revisando nossas pegadas para a construção de nosso ofício num novo tempo. Concluo com os versos de Vitor Martins na música de Ivan Lins chamada “Novo tempo”, de 1984: “No novo tempo / Apesar dos castigos / De toda fadiga / De toda injustiça / Estamos na briga / Pra nos socorrer / [...] Pra que nossa esperança / Seja mais que vingança / Seja sempre um caminho / Que se deixa de herança”.